

Hospitais laicos e eclesiásticos em Coimbra, do século XII ao início do século XX. O progressivo desenvolvimento da enfermagem

Paulo Joaquim Pina Queirós,¹ Blanca Espina-Jerez,² Patricia Domínguez-Isabel,² Sagrario Gómez-Cantarino²

¹Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, UICISA:E e HISAG-EP. Coimbra, Portugal. ²HISAG-EP. Universidad de Castilla-La Mancha, Departamento de Enfermería, Fisioterapia y Terapia Ocupacional. Toledo, España

Correspondencia: pauloqueiros@esenfc.pt (Paulo Joaquim Pina Queirós)

O enfoque deste estudo situa-se na elaboração de uma síntese historiográfica acerca dos hospitais em Coimbra, desde a idade média até aos inícios do século XX.

Partimos de uma pesquisa exploratória de material disponível em bibliotecas e na internet, em livros e em periódicos, feita em jeito de bola de neve, ou seja, em que um documento encontrado proporciona pelas referências bibliográficas o acesso a outros. Olhando para textos com sínteses interpretativas e com fontes publicadas, como sejam, regulamentos, regimentos e estatutos.

Esta pesquisa proporcionou a identificação de quatro instituições que de alguma forma se destacaram na baixa idade média: Hospital de Milreus; Hospital de S. Nicolau; Hospital dos Lázarus; Hospital de Santa Elisabete da Hungria. Existindo outras instituições assistenciais na idade média (Coelho, 1996; Rocha, 2019), a escolha destas, releva da importância sentida pelo investigador, sobre as suas particularidades.

Importou sintetizar o que de relevante se sabe sobre essas instituições assistenciais e perscrutar, nos seus agentes cuidadores, a presença, nas mais variadas formas, daqueles que possam ser considerados antecedentes e primórdios de enfermeiros. Ao mesmo tempo procurou-se estabelecer as linhas de continuidade, no tempo longo, que possam permitir acompanhar o desenvolvimento dos equipamentos hospitalares na cidade e a presença de enfermeiros até aos inícios do século XX, passando pelo processo de aglomeração e concentração do século XVI.

Interessou-nos: teses doutoramento; dissertações de mestrado; monografias (livros); capítulos de coletâneas; artigos em periódicos. Deste material foram extraídas fichas de leitura que serviram de base a esta revisão, dando suporte à análise evolutiva das instituições, da presença dos enfermeiros e do contributo para o esclarecimento do processo de profissionalização da enfermagem.

Temos em presença desde logo o Hospital de Milreus, da iniciativa de cavaleiros franceses, é rapidamente adotado pela realza portuguesa, e situando-se sempre desde a sua origem na

esfera não eclesiástica (Coelho, 1996; Lopes, 2000; Rossa, 2001; Rocha, 2011).

Também de iniciativa régia e sob a sua tutela, sem ascendente eclesiástico, o Hospital de S. Lázaro, com uma longa permanência, que passando a baixa idade média entra pela época modernidade, trata-se de um hospital com destinatários específicos, os leprosos (Rossa, 2001; Rocha, 2011).

Numa outra génese e linha evolutiva, perfeitamente enquadrado numa dinâmica conventual, desde a sua origem ligado ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, o Hospital de S. Nicolau é uma realidade em consonância com os grandes hospitais conventuais (Rodrigues, 1984; Martins, 2003; Gomes, 2010; Mattoso, 2012; Pericão, 2012; Santos, 2015).

O Hospital de Santa Elisabete da Hungria, sendo de iniciativa da Rainha Isabel de Aragão (Rainha Santa Isabel) surge em ligação estreita ao Convento de Santa Clara em Coimbra. A sua particularidade situa-se no facto de, desde a origem, surgir como um hospital de importante dimensão para a época, com 15 camas para homens e 15 camas para mulheres, isto quando a generalidade dos hospitais de Coimbra teriam pouquíssimas camas (Mourão, 2000; Macedo, 2016).

Na chegada ao século XVI verificamos a centralização hospitalar em linha com o movimento de centralização régia. Estamos em presença da afirmação do poder do rei, disciplinando e controlando os poderes regionais e locais da nobreza, dos mesteres e da igreja. Movimento inserido na estruturação do estado moderno. Os pequenos hospitais concentram-se, nos inícios do século XVI, naquele que ficará conhecido por Hospital de D. Manuel, também designado Hospital Régio ou ainda Hospital da Praça (Lopes, 2000; Bandeira, 2015).

Mais tarde, séculos XVII e XVIII, já fruto da concentração, do crescimento do tecido urbano, das necessidades assistenciais para dar resposta a uma população em crescendo, afirmam-se em continuidade, instituições ligadas sob uma mesma direção centralizada, mas com instalações separadas, como sejam: o Hospital da Convalescença, Hospital de S. Lázaro, este em permanência desde a idade média, e o Hospital Real, instituição mãe (Lopes, 2000; Bandeira 2015).

Com o Marques de Pombal (1699-1782) e a reforma da Universidade de Coimbra, assiste-se à entrega da gestão do Hospital Real e hospitais anexos, à Universidade de Coimbra (Lopes, 2000). Constituiu-se o que se manteve até finais do século XX com a designação Hospitais da Universidade de Coimbra, exatamente no plural, a traduzir o processo de aglomeração destas instituições assistenciais, desde a idade média.

Desde cedo, desde os hospitais medievais referidos, verificamos a presença nos hospitais em Coimbra, de enfermeiros, de ambos os sexos, laicos, raramente eclesiásticos. Sentimos a estruturação de funções ao longo do tempo, num movimento que acompanha o evoluir da filosofia assistencial. Num primeiro momento cuidar da mente e do corpo, para, com o alvorecer do cientismo, e a afirmação da racionalidade positivista, se autonomizar o tratamento corpóreo possibilitado pela moderna farmacologia, pelos avanços dos conhecimentos da fisiologia, da higiene, da bacteriologia.

Com a mudança de paradigma, da teoria dos humores para o moderno movimento higienista, modificam-se as instalações hospitalares, os poderes dos diversos ofícios em presença, reconfiguram-se atividades, ofícios e profissões. Simultaneamente disciplinam-se saberes e práticas, surgem disciplinas científicas novas. Disciplinam-se também convivências, surgem regulamentos, regimentos e estatutos que traduzem a realidade da transformação dos hospitais em hospitais modernos, como “instituições totalitárias”, fortemente hierarquizadas, com o claro ascendente de determinados grupos profissionais

sobre outros, naquilo que constitui o poder dos detentores do saber.

As atividades dos enfermeiros destes hospitais modernos estruturam-se em diversas categorias profissionais, assumem nomes como a enfermeira dos partos, o enfermeiro duchista, diferenciam-se em enfermeiros praticantes e enfermeiros já plenamente formados. Desaparecem designações medievais como sejam de enfermeiro das pequenas cirurgias, enfermeiro-sangrador, enfermeiro-mor, enfermeiro maior (Queiros, Dominguez-Isabel, Espina-Jerez, Fonseca, & Gomez-Cantarino, 2020a).

Neste contexto, verificamos o lento movimento de profissionalização da enfermagem, que acompanha a reconfiguração e o desaparecimento de atividades medievais, como sejam os sangradores, os algebristas, e os cristaleiros ou clistereiros, como que deixando espaço para a afirmação dos enfermeiros. Também a formação profissional de enfermagem enquanto coletivo (a palavra enfermagem, só surge em português na transição do século XIX para o XX), agora a acompanhar o movimento de afirmação da ciência na saúde.

Assim se justifica, e se percebe, que em 1881, Augusto Costa Simões, proeminente diretor do hospital, professor catedrático da Universidade, cientista assumido, racionalista, positivista, nos Hospitais da Universidade de Coimbra, sentindo a necessidade de ter enfermeiros preparados e formados e fundasse a primeira escola de Enfermeiros em Portugal, a Escola de Enfermeiros dos Hospitais da Universidade de Coimbra (Queirós, et al., 2020b).

Referências Bibliográficas

- Bandeira, A. M. (2015). O Hospital Real de Coimbra: acervo documental de uma instituição assistencial (1504-1772). *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, XXVIII, pp. 7-75.
- Coelho, M. H. C. (1996) A Assistência em Coimbra em Tempos Manuelinos. *O Hospital Novo*. Biblos, vol. LXXIII, p. 223-258
- Gomes, S. A. (2010). Castas Donas: Cónegas Regrantes de Santo Agostinho em Portugal no período medieval. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. 10, Tomo I, p.37-71.
- Lopes, M. A. (2000). *Pobreza, Assistência e Controlo Social (1750-1850)*. Vol.I, Viseu: Palimage Editores.
- Macedo, F. P. (2016). *Santa Clara-a-Velha de Coimbra. Singular Mosteiro Mendicante*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Martins, A. A. (2003). *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa.
- Mattoso, J. (2012). O monaquismo medieval português. In. *Monasticon: História e Memória*. Livro do VII Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões. p.51-65
- Mourão, T. (2000). *Santa Clara-a-Velha. Reflexos do Património*. Coimbra: Grupo de Arqueologia e Arte do Centro.
- Pericão, M. G. (2012). A biblioteca da botica do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14.1 p. 27-43
- Queiros, P. J., Dominguez-Isabel, P., Espina-Jerez, B., Fonseca, E. P. A. M, & Gomez-Cantarino, S. (2020a). Enfermeiros entre os funcionários dos Hospitais da Universidade de Coimbra, 1779 a 1797: particularidades e implicações. *Revista de Enfermagem Referência*, 5(3), e20027. doi:10.12707/RV20027.
- Queirós, P. J., Filho, A. J., Gómez-Cantarino, S., Santos, T. C., Peres, M. A., Chaves, M. C., & Espina-Jerez, B. (2020b). Enfermeiros e escolas de enfermagem nos anuários da Universidade de Coimbra, de 1866 a 1956. *Revista de Enfermagem Referência*, 5(4), e20061. doi:10.12707/RV20061
- Rocha, A. R. (2011). *A Institucionalização dos Leprosos. O Hospital de S. Lázaro de Coimbra nos séculos XIII a XV (Tese de Mestrado)*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Rocha, A. R. (2019). As respostas da sociedade urbana à pobreza: o exemplo dos hospitais e albergarias de Coimbra entre os séculos XII e XVI. In *Atas do II Congresso Histórico Internacional “As cidades na História: Sociedade”* 18 a 20 de outubro de 2017, Cidade Medieval IV – Câmara Municipal de Guimarães. Pág 81 a 100
- Rodrigues, M. A. (1984). *O Mosteiro de Santa Cruz e a sua projecção na vida religiosa e cultural de Coimbra*, p. 221-225. In *Santa Cruz de Coimbra, Do século XI ao século XX. Estudos no IX centenário do nascimento de S. Teotónio 1082-1982*. Coimbra: Comissão executiva das comemorações.

Rossa, W. (2001). *Diversidade – urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*. Dissertação de doutoramento. Coimbra: FCTUC, Universidade de Coimbra.

Santos, D. O. A. (2015). *A Domus Infirmorum do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e o acolhimento no hospital São Nicolau (Portugal, séculos XII-XIII)*. *História (São Paulo)*, 34 (1), p.75-91.